

Paradoxos do pensamento contra-revolucionário: Joseph de Maistre

*Paradoxes of Counter-Revolutionary Thought:
Joseph de Maistre*

Rodrigo Patto Sá Motta*

Abstract

Abstract: The article analyses the work of the savoian writer Joseph de Maistre, whose ideas deeply influenced nineteenth and twentieth century reactionary and traditionalist thought. The author's arguments concerning the pair revolution/counter-revolution are emphasized, with the aim of showing the paradoxes and complexity which are part of his thought.

Keywords: Revolution; Counter-revolution; Reaction

Resumo

O artigo analisa a obra de Joseph de Maistre, autor savoiano contemporâneo da Revolução Francesa e uma das principais referências intelectuais do pensamento reacionário e tradicionalista dos séculos XIX e XX. A análise confere ênfase à argumentação do autor acerca do par revolução/contrarrevolução, procurando mostrar os paradoxos e a complexidade presentes nas idéias maistreanas.

Palavras-chave: Revolução; Contra-revolução; Reação

Introdução¹

A revolução, marco fundador do mundo contemporâneo², despertou paixões intensas e opostas abrindo um fosso entre, de um lado, os defensores do projeto revolucionário e, de outro, seus detratores. Na mesma medida em que se formou uma tradição de pensamento e militância revolucionários surgiu, *pari passu*, uma vertente contra-revolucionária com enraizamento social igualmente sólido. Mas, a historiografia e as ciências sociais têm dado mais atenção ao estudo do pensamento revolucionário, relegando a segundo plano as visões dos conservadores e reacionários. O pequeno interesse do

* Prof. do Departamento de História da UFMG. Doutor em História Social pela USP. É autor dos seguintes livros: *Partido e Sociedade. A Trajetória do MDB*. Ouro Preto: Ed. UFOP, 1997; *Introdução à História dos Partidos Políticos Brasileiros*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999; *Em Guarda Contra o "Perigo Vermelho"* (no prelo).

¹ Agradeço ao Professor Modesto Florenzano pelas preciosas indicações bibliográficas e leitura atenta do texto.

² Revolução entendida como algo que transcende o episódio francês, embora ele tenha sido o evento inaugural e fonte de inspiração. A referência aqui é à mentalidade revolucionária propriamente dita, a crença de que o homem é capaz de alterar radicalmente seu modo de vida e inventar o novo.

mundo acadêmico pelo assunto explica, em parte, a divulgação de abordagens simplificadoras, que apresentam visões estereotipadas do fenômeno reacionário.

O estudo da dinâmica revolucionária é essencial para uma correta compreensão do mundo contemporâneo. Porém, é indispensável entender também os movimentos e idéias anti-revolucionários, sob pena de obtermos apenas um olhar parcial da história dos últimos dois séculos.

Neste sentido é que se insere a proposta deste trabalho: trazer uma pequena contribuição para o estudo do pensamento contra-revolucionário, através da análise do ideário de um de seus mais célebres formuladores, Joseph de Maistre, personalidade polêmica que deixou marcas profundas no mundo intelectual europeu do século XIX, mas também, embora com menos intensidade, no século XX. O foco da atenção será concentrado sobre as elaborações do autor no que respeita à revolução, fenômeno execrado por ele, e à contra-revolução, encarada como antídoto necessário à primeira.

J. de Maistre vivenciou profundamente os acontecimentos ligados à *Revolução Francesa* - de certo modo foi vitimado por eles *uma vez que o forçaram a exilar-se de sua terra natal - e isto se refletiu em seu pensamento e obra. Tornou-se um apaixonado e implacável crítico da revolução, devotando sua inteligência e sua eloquência literária a combater o que considerava um evento maligno.*

Correlatamente, também se batia contra as idéias tidas como responsáveis pela explosão revolucionária, notadamente o vasto sistema que convencionalmente chamamos "iluminismo". Na verdade, de Maistre se referia com mais freqüência - e virulência - aos *philosophes*, os quais lhe pareciam os principais culpados pelo choque que sacudiu a sociedade francesa e toda a Europa ocidental na virada do século XVIII para o XIX.

A obra de J. de Maistre o projetou como um dos mais destacados defensores da antiga ordem, tornando-o uma referência central para todos os adversários das propostas de transformação social. Suas idéias exerceram enorme influência sobre as propostas reacionárias e tradicionalistas, notadamente durante a "restauração", fase que teve início na seqüência da derrota de Napoleão. Os livros do nosso autor serviram de inspiração para as forças sociais interessadas no restabelecimento da ordem na Europa, após os anos de convulsão revolucionária.

Dos textos de J. de Maistre puderam ser extraídos argumentos a serem utilizados na defesa dos valores e das instituições tradicionais, especialmente da Igreja Católica e da Monarquia, bem como apreciações críticas dirigidas ao liberalismo, ao iluminismo, à democracia, às especulações de filósofos e cientistas, à decadência moral, *enfim, a praticamente todos os aspectos do mundo moderno que*

faziam os tradicionalistas sentirem-se ameaçados.

A influência maistreana, é importante ressaltar, não se restringiu à primeira metade do século passado: continuou pelo “dezenove” adiante e adentrou o atual século. Ela pode ser encontrada, por exemplo, nas formulações dos líderes da *Action Française* de Charles Maurras, organização política direitista de bases populares criada no final do século XIX. Em 1906 Louis Dimier, um dos principais personagens da *Action Française*, proferiu uma série de palestras sobre as idéias contra-revolucionárias, propondo ensinamentos para o combate aos “erros” do mundo atual. De Maistre apareceu com destaque no programa das conferências³.

No Brasil, também, J. de Maistre deixou sua marca, notadamente entre os católicos tradicionalistas. Quando ocorreu o falecimento de Jackson de Figueiredo, fundador da revista “A Ordem” e do “Centro D. Vital”, um jornal católico de Fortaleza publicou uma nota fúnebre dizendo, entre outras coisas, que ele era “lido em José de Maistre” e fora “um reacionário do quilate de Charles Maurras”⁴.

No entanto, embora muito reconhecido e citado como “fonte” dos ideais anti-revolucionários, de Maistre foi pouco lido. Os manuais de história das idéias políticas promoveram uma divulgação esquematizada de seu pensamento e, como conseqüência, simplificaram-no e empobreceram-no. J. de Maistre foi um pensador vigoroso e um escritor inspirado. Rotulá-lo simplesmente de “reacionário” implica no risco de perder a dimensão criadora de seu trabalho.

A proposta deste texto é ir além do J. de Maistre apresentado pelos manuais, tentando mostrar a complexidade (em muitos momentos próxima da contradição) e, às vezes, o brilhantismo de seu pensamento. A intenção é destacar que, mesmo sendo acima de tudo um amante da tradição e da ordem, ele era capaz de *insights* perspicazes sobre o comportamento humano e sobre as bases de funcionamento do Estado. Na mesma pessoa conviviam, lado a lado, o dogmático católico extremado e um homem que em determinadas ocasiões defendia o pragmatismo político como arma para alcançar seus objetivos.

Por fim, procurar-se-á revelar os paradoxos daquele pensamento cuja ligação essencial com o passado por força do amor à ordem e à tradição não o impedia de possuir determinadas características próximas do universo mental dos movimentos autoritários do presente século, que também combateram a revolução em nome da ordem.

³ Cf. MAYER, Arno J. *Dinâmica da contra-revolução na Europa, 1870-1956*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.48.

⁴ Apud MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Trono e o Altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*. Fortaleza: BNB, 1992. p. 227.

O filósofo da ordem

Joseph de Maistre nasceu em 1753, na localidade de Chambéry, ducado de Sabóia, na época território pertencente ao Reino da Sardenha. O pai fora membro do Senado saboiano, um dos mais destacados cargos burocráticos do Reino, e o filho seguiu-lhe os passos tomando-se também senador em 1788⁵. Estudou com os jesuítas e graduou-se na Universidade de Turim. Graças ao prestígio das letras francesas e a vínculos de parentesco (sua família tinha raízes na França), seu universo cultural era francófilo e francofônico.

Na juventude freqüentou brevemente a franco-maçonaria e teve um entusiasmo superficial pelas idéias constitucionalistas. Porém, qualquer veleidade "progressista" que tenha esposado quando jovem desapareceu com o choque provocado pela Revolução⁶. Os exércitos revolucionários franceses invadiram e anexaram a Sabóia em 1792, região fronteiriça que a França reclamava para si, obrigando de Maistre a seguir para o exílio. O acontecimento não fez diminuir sua admiração pela França; antes gerou um ódio profundo aos projetos revolucionários e a todas as manifestações de questionamento *à ordem e ao status quo*. E este ódio nutriu a produção intelectual de J. de Maistre.

O exílio não o impediu de continuar servindo a seu Rei, que o nomeou para missões oficiais primeiro na Suíça e em seguida na Rússia, onde por vários anos de Maistre representou diplomaticamente o Estado da Sardenha na corte de São Petersburgo. Durante o período de exílio escreveu praticamente toda sua obra, com destaque para *Considérations sur la France* (1796), *Du Pape* (1810) e *Les soirées de Saint-Petersbourg* (1825, publicado postumamente)⁷, livros que contêm o cerne de seu pensamento.

A maior parte de suas impressões sobre a revolução francesa aparecem na obra de 1796, escrita sob o impacto da promulgação da terceira constituição revolucionária (1795) e do surgimento do regime do Diretório⁸. Para de Maistre não havia meio termo no que respeitava à revolução, seu olhar era maniqueísta. Tratava-se de um acontecimento totalmente mau, onde a corrupção e o vício se juntavam à crueldade e à imoralidade:

⁵ BERLIN, Isaiah. "Joseph de Maistre e as origens do fascismo" In: *Limites da utopia. Capítulos da história das idéias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.93.

⁶ Talvez alguma influência tenha permanecido na sua postura frente à religião, como veremos mais adiante.

⁷ Cf. TRINDADE, Liana Salvia. *As raízes ideológicas das teorias sociais*. São Paulo: Ática, 1978.

⁸ É preciso referir que J. de Maistre, como todos os pensadores que se voltaram para o estudo do fenômeno revolucionário, sofreu influência da obra original de BURKE. Contudo, os objetivos limitados do presente trabalho não permitem estabelecer aqui um contraste entre as posições dos dois autores que, se tinham algumas afinidades, possuíam ainda mais características distintas. Cf. BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução em França*. Brasília: Ed. da UnB, 1982.

Ora, o que distingue a revolução francesa, e o que a torna um acontecimento único na história, é que ela é radicalmente má; nenhum elemento de bem alivia o olhar do observador: é o mais alto grau de corrupção conhecido; é a pura impureza. Em que página da história se poderá encontrar uma tão grande quantidade de vícios agindo ao mesmo tempo sobre o mesmo cenário? Que combinação abominável de baixaza e de crueldade! que profunda imoralidade! que abandono de todo pudor!

Com um estilo agressivo, marca de sua obra, de Maistre transforma o episódio revolucionário num espetáculo degradante e vil, o contrário da visão disseminada pelos progressistas. Na interpretação maistreana não há espaço para perceber as boas intenções dos agentes revolucionários; há sensibilidade apenas para o lado violento e destrutivo do processo, os aspectos construtivos não existem¹⁰. Deplora a destituição e execução do Rei¹¹, a implantação da República, as desapropriações, o combate à Igreja Católica, as reformas liberais e democráticas e a degradação dos costumes.

Sobre o aspecto da moralidade há uma passagem interessante nas *Considérations*, que ajuda a compreender as opiniões do autor. Ele registra uma notícia publicada por um jornal de Paris para exemplificar como a revolução estaria levando os franceses, particularmente os parisienses, à degradação moral.

Em 1795 um tribunal da capital teria julgado um caso de sedução, envolvendo uma menina de 14 anos. De Maistre diz que a garota desconcertou os juízes demonstrando ser tão corrupta e imoral quanto seu sedutor. O caso foi acompanhado por numerosa audiência, mais da metade constituída por mulheres jovens e meninas, muitas ao lado das mães. Comportando-se de maneira inadmissível, várias moças e mocinhas se deleitaram com o caso relatado durante o julgamento: ao invés de cobrir o rosto riam escandalosamente quando vinham à tona detalhes repugnantes que até aos homens faziam enrubescer¹². A degradação dos costumes era um dos desdobramentos da ação dos revolucionários, pois ao estimular o questionamento generalizado da ordem social eles acabavam abrindo caminho para a quebra dos valores morais.

A associação operada pelo pensador saboiano entre a revolu-

⁹ MAISTRE, Joseph de. *Considérations sur la France*. Genève: Éditions du Millieu du Monde, 1936 (1ª ed. 1796), p.65. A tradução dos excertos citados é de responsabilidade do autor do presente artigo, à exceção das citações referentes às notas 19, 25, 29, 32.

¹⁰ Ou, quando os há, ocorrem à revelia da vontade dos líderes revolucionários.

¹¹ "Um dos maiores crimes que se pode cometer é sem dúvida o atentado contra a soberania, nenhum outro tendo desdobramentos mais terríveis. Se a soberania reside numa cabeça e esta tomba vítima do atentado, a atrocidade do crime aumenta. Mas se este Soberano não cometeu nenhum crime que o fizesse merecer tal sorte; se suas próprias virtudes amaram contra si a mão dos culpados, o crime torna-se inominável". MAISTRE (1936), p.28.

¹² MAISTRE (1936), p. 66. Termina esta passagem convidando o leitor a fazer um paralelo da situação contemporânea com a Roma dos "bons tempos", quando houve casos de homens serem punidos por abraçarem suas esposas diante das crianças.

ção e o mal é explorada também através de algumas referências a imagens satânicas ("Há na revolução francesa um caráter satânico que a distingue de tudo o que se viu e talvez de tudo o que se verá"¹³). Contudo, no geral J. de Maistre não se utiliza muito do tema; sugere a presença demoníaca, o que certamente fortalece a imagem de malignidade que pretende construir, mas esta questão recebe um tratamento marginal na obra.

Na visão do nosso autor a revolução não era a fonte original dos erros do mundo moderno, embora a odiasse com todas as forças. Ela era mais consequência que causa dos problemas. Joseph de Maistre identificava a verdadeira origem do espírito responsável pela convulsão européia no protestantismo. Com seu questionamento à autoridade religiosa da Igreja os protestantes deram origem a um comportamento intelectual perigoso, baseado na liberdade de pensamento e na crítica às tradições. Para de Maistre o protestantismo se transformara num inimigo mortal para a Europa e para todos os Estados soberanos (mesmo aqueles que abraçaram a religião reformada), pois estabelecera "... a independência de pensamento, a discussão livre de princípios e o desprezo pelas tradições (...)".¹⁴

De Maistre deplora a rebeldia presente no espírito protestante¹⁵, defendendo a superioridade das práticas da Igreja Católica que, em sua opinião, jamais se rebelara contra a autoridade civil. Ao contrário do estímulo às rebeliões oferecido pelo protestantismo, o catolicismo se constituiu como o cimento das soberanias européias, fornecendo suporte e dando apoio à manutenção da ordem.

E a semente maléfica lançada pelos protestantes acabou gerando outro inimigo figadal para de Maistre, a filosofia iluminista. Os *philosophes* nada mais eram que continuadores da obra destrutiva dos reformadores protestantes, alimentados pelo mesmo sentido de questionamento à tradição e à ordem estabelecida ("...aqueles que nosso século chamou de filósofos tudo o que fizeram foi se apoderar das armas que o protestantismo lhes preparou, e as voltaram contra a Igreja..."¹⁶). Por seu turno, como o "espírito filosófico" provocara a explosão revolucionária, fechava-se o círculo da teoria maistreana: havia uma linha de causalidade ligando o protestantismo à revolução, passando por um elemento intermediário constituído pelos *philosophes*.¹⁷

¹³ MAISTRE (1936), p.71.

¹⁴ MAISTRE, Joseph de. *Textes choisis* (org. par E.M. CIORAN). Monaco: Éditions du Rocher, 1957, p. 111. Os textos reunidos por Cioran nesta coletânea são provenientes de diferentes obras. Optei por citar apenas a coletânea, sem mencionar os livros de onde foram retirados os textos.

¹⁵ É interessante observar que esta compreensão do protestantismo como fonte do mal no mundo moderno foi elemento constante na pregação católica tradicionalista nos séculos XIX e XX. Talvez de Maistre não tenha sido o primeiro a elaborá-la, mas certamente contribuiu muito para sua divulgação.

¹⁶ MAISTRE (1957), p. 118.

¹⁷ Eis outro excerto interessante, onde associa o protestantismo à revolução chamando os protestantes de irmãos dos *sans-culottes*: "Assim, o protestantismo é positivamente, e ao pé da letra,

Para os filósofos iluministas e suas idéias de Maistre reservou boa parte dos ataques e das críticas cáusticas produzidas por sua pena. Tinha especial despreço por Voltaire, a quem se referiu certa feita como "blasfemo insolente", mas também batalhou bastante contra as idéias de Rousseau. J. de Maistre considerava as teorias e idéias destes pensadores o principal motor do caos revolucionário e por isto dedicou-se com denodo à tarefa de atacá-las.

Talvez a crítica mais básica e genérica do autor ao pensamento iluminista esteja concentrada no aspecto da abstração. De Maistre achava as teorias dos *philosophes* abstratas demais, elaborações racionalistas formais que não propiciavam um correto entendimento da realidade. Contrapondo-se às teorias abstratas de seus adversários apostava na superioridade da experiência, da tradição e da história. Sobre a historiografia tinha uma opinião pode-se dizer clássica, considerando-a um conhecimento extremamente positivo pois se constituía em fonte de sabedoria e de ensinamentos úteis para a ação¹⁸. A filosofia moderna, ao contrário, no seu afã de fazer *tabula rasa* de tudo só servia como fonte para o erro e para o mal.

As pretensões científicas dos filósofos levavam ao perigo de alimentar o espírito rebelde e inovador. Um dos inevitáveis inconvenientes da ciência, dizia de Maistre, é que ela faz do homem "... um inimigo de qualquer tipo de subordinação, um rebelde que se volta contra todas as leis e instituições, um campeão inato de todas as inovações (...) "¹⁹. Mas, para além do risco político, ele achava que os *philosophes* falhavam fragorosamente em sua tentativa de conhecer a realidade natural e social. Suas teorias levavam ao erro, não ao conhecimento.

Em primeiro lugar, a maior abstração era a própria noção de "homem". De Maistre não reconhecia esta categoria e, comentando as Constituições revolucionárias, sempre feitas em nome do "homem", dedicou-lhe observações irônicas:

*Ora, não existe em absoluto homem no mundo. Eu conheci, em minha vida, franceses, italianos, russos, etc; eu sei mesmo, graças a Montesquieu, que se pode ser persa: mas quanto ao homem, eu declaro não tê-lo encontrado no decorrer de minha existência; se ele existe, ignoro-o completamente.*²⁰

o sans-culotismo da religião. Um invoca a palavra de Deus; o outro, os direitos do homem; mas na prática é a mesma teoria, a mesma marcha e o mesmo resultado. Estes dois irmãos esfacelaram a soberania para distribuí-la à multidão". MAISTRE (1957), p. 115.

¹⁸A história é a política experimental, quer dizer, a única boa; e como na física, cem volumes de teorias especulativas evaporam-se diante de uma única experiência, da mesma forma, na ciência política, nenhum sistema pode ser admitido se não for o corolário mais ou menos provável de fatos bem comprovados". MAISTRE (1957), p. 150.

¹⁹Apud BERLIN (1991), p. 103. Na mesma passagem de Maistre faz o elogio às qualidades inatas ao homem, fatores que a ciência não pode dominar ou ensinar: "A primeira entre as ciências é a arte de governar. E isso não se aprende nas academias. Nenhum grande ministro, de Suger a Richelieu, jamais se ocupou da física ou da matemática. O gênio das ciências naturais torna impossível aquela outra forma de genialidade: o talento inato".

²⁰MAISTRE (1936), p.89.

Embora em seus textos se referisse às vezes a "homens" e "espécie humana", ele não partilhava da crença universalista dos revolucionários, cujo corolário político era a tentativa de constituir leis, normas e valores aplicáveis a todos os homens. No seu modo de entender, as diferenças separando os grupos humanos eram tais que tornavam quimérica a proposta de tratá-los como iguais na essência.

Outro elemento das teorias iluministas radicalmente criticado por de Maistre é o contratualismo. O pensador saboiano considerava absurda a hipótese das organizações sociais terem se originado de contratos estabelecendo ligações dos indivíduos entre si e com o Estado. Ele defendia, ao contrário, que os homens sempre viveram em sociedade, movidos pela força inexorável da necessidade de proteção e segurança propiciadas pelo grupo. Além disso, segundo acreditava, a vida em sociedade foi estabelecida por Deus no momento primordial da criação, mais uma razão para recusar o contratualismo, eivado que é de uma crença naturalista.

Joseph de Maistre também atacava com virulência o otimismo iluminista a respeito dos homens, considerados em sua essência bons, crença que dava sustentação à tese da viabilidade da liberdade e da possibilidade do constante aperfeiçoamento da sociedade. Na sua visão de mundo, inspirada na tradição judaico-cristã, o homem é, no seu âmago, mau e pecador. E a origem do problema seria encontrada, naturalmente, no pecado original ("O pecado original, que tudo explica, e sem o qual nada pode ser explicado, repete-se lamentavelmente a cada instante do tempo ..."²¹).

Desde a expulsão do paraíso, os descendentes de Adão vinham carregando a mácula do primeiro crime e, desgraçadamente, vinham vivendo em pecado até então, incapazes de superar sua natureza má. Daí a necessidade da constante severidade e punição divinas, para purgar o pecado e a maldade inerentes aos homens, principalmente através da guerra ("Culpáveis mortais, e infelizes, porque nós somos culpados! nós é que tornamos necessários todos os males físicos, sobretudo a guerra ..."²²).

De Maistre ironizava o "bom selvagem" de Rousseau, dizendo que aquelas criaturas eram o oposto do imaginado pelo filósofo de Genebra, más e pecadoras (como poderia ser bom um antropófago?). Se os homens de uma maneira geral eram seres decaídos, os selvagens se constituíam nos mais degenerados entre todos, nos mais atingidos pela cólera divina ("Então, se a sociedade é tão antiga quanto o homem, logo o selvagem só é e só pode ser um homem degradado e punido"²³).

²¹ MAISTRE (1957), p.87.

²² MAISTRE (1957), p.70.

²³ MAISTRE (1957), p.64.

Diferentemente de Rousseau, de Maistre não considerava os selvagens uma mostra do que poderiam ter sido os civilizados na origem. Em sua acepção a sociedade original era superior, quase perfeita, e tudo o que veio depois trouxe a marca da decadência e da degeneração resultante do pecado. A partir desta visão nostálgica e reacionária, idealizadora de uma "era de ouro" situada nas origens, dentre as sociedades existentes no mundo moderno os selvagens estavam mais distantes da civilização primordial, e portanto eram o grupo mais degradado.

A refutação dos valores principais do ideário iluminista resultou na defesa de uma filosofia política baseada na recusa à inovação e à mudança revolucionária, em outras palavras, na manutenção da ordem existente e na desvalorização dos preceitos liberais. Se o homem é por definição mau e criminoso seria absurdo e perigoso conferir-lhe liberdade para conduzir seu destino.

Conseqüentemente, se a liberdade é inviável, os homens devem ser conduzidos por forças superiores, numa combinação de coerção (força) e submissão espontânea. Numa passagem célebre, de Maistre fala da importância do carrasco para a manutenção da ordem social:

E, contudo, toda grandeza, todo poder, toda subordinação repousa no carrasco: ele é o horror e o vínculo da associação humana. Excluí do mundo esse misterioso agente; em um segundo, a ordem dará lugar ao caos, os tronos cairão, a sociedade desaparecerá.²⁴

O amor extremado à ordem e o pessimismo radical em relação ao ser humano levaram de Maistre a um enfoque verdadeiramente sinistro sobre o mundo social²⁵. No entanto, ele não supunha que a coerção física fosse suficiente para debelar as forças da desordem. Fazia-se também necessária a presença da religião, cuja força espiritual contribuía para acalmar os apetites naturais dos homens, levando-os a viverem em comunidade e controlando suas tendências destrutivas. Nenhum Estado seria forte o suficiente para governar milhões de homens "... a menos que ele seja auxiliado pela religião ou pela escravidão, ou por uma e outra".²⁶

Na opinião de J. de Maistre a religião fornecia o principal "cimento" da ordem. Ela se constituía no elemento que, atuando no "espírito" e nas mentes dos homens, conduzia-os a aceitar resignadamente a realidade social e as agruras da vida. Desviando as atenções do plano natural para o plano transcendente do divino, a Igreja dava

²⁴ Apud BERLIN (1991), p. 102.

²⁵ Em outra ocasião, defendeu a Inquisição: "Em primeiro lugar, não há nada mais justo, douto e incorruptível que os grandes tribunais espanhóis (...) não pode haver no universo nada mais calmo, mais circunspecto, mais humano por natureza que o tribunal da Inquisição (...)". MAISTRE (1957), p. 166.

²⁶ MAISTRE (1957), p. 208.

sosego às almas e evitava que as frustrações explodissem em questionamentos e desordens.

Daí advém a maior fonte de rancor contra os iluministas, devido ao papel por eles desempenhado na luta contra a religião católica. J. de Maistre considerava escandalosa a conduta dos *philosophes*, que, utilizando as armas do ceticismo e da ironia, e agindo como celerados e coléricos, empreenderam uma guerra mortal contra a verdadeira Igreja. E a pregação nefasta teria causado considerável estrago já na primeira metade do século XVIII, espalhando suas idéias ímpias por vastos espaços, desde as cabanas aos palácios²⁷. Tal filosofia teria experimentado um processo de rápida degradação, passando de mero sistema de pensamento, no início, a complô e, finalmente, tornara-se uma vasta conjuração que varreu a Europa com seu corolário de revolução, desordem e guerra.

Observando atentamente a obra de Joseph de Maistre encontramos fortes indícios de uma possibilidade rica em significado: o autor parecia amar mais a ordem²⁸ que a religião propriamente dita, embora fosse capaz de ir a extremos para protegê-la de seus inimigos. Em determinados momentos, de Maistre passa a impressão de defender dogmaticamente a Igreja Católica principalmente por enxergar nela o remédio de maior eficácia contra a desordem revolucionária, deixando para segundo plano a crença religiosa. Citarei duas passagens que podem sustentar o argumento.

No livro *Considérations sur la France* há um trecho bastante interessante onde de Maistre afirma estar se dirigindo a todo tipo de pessoa, tanto aos crentes quanto aos céticos. No fundo, diz ele, não importa se as idéias religiosas sejam objeto de riso ou veneração. O importante é reconhecer que, verdadeiras ou falsas, elas formam a base de todas as instituições duráveis²⁹.

O outro trecho causa maior impacto. Comentando o caráter maligno do protestantismo, de Maistre chega a afirmar que o islamismo ou o paganismo são menos nefastos: "O maometanismo, o próprio paganismo teriam feito politicamente menos mal se tivessem substi-

²⁷ De Maistre também sabia manejar a ironia. Apontou a peculiar situação daqueles indivíduos das camadas superiores (habitantes dos palácios) que se deixaram empolgar pelas novidades intelectuais, sem perceber o risco para seus interesses: estupidamente, eles abraçaram o inimigo antes de receber o golpe mortal. MAISTRE (1957), p.175.

²⁸ Liana Trindade encontra na obra de Joseph de Maistre um vínculo estreito entre as noções de "ordem" e "unidade". Na opinião da autora, a unidade seria a essência da ordem primitiva tão admirada por de Maistre, que lamentaria o fato do mundo moderno ter rompido ambas: "O espírito do mal é um espírito de divisão, de trevas. Atualmente, o mal domina, tudo está corrompido. A divisão se encontra em toda a parte: na humanidade, no indivíduo, no pensamento"; "O espetáculo de um mundo social rompido em unidades isoladas revela a queda, mais uma vez repetida, da humanidade"; "Quanto mais examinamos o universo, mais nos sentimos tentados a acreditar que o mal vem de uma certa e inexplicável divisão, e o retorno ao bem depende de uma força contrária que nos impele sem cessar para uma certa unidade". (trechos de *Les soirées de Saint-Petersbourg* traduzidos pela autora). TRINDADE (1978), pp.98-100.

²⁹ MAISTRE (1936), p.72.

tuído o cristianismo com sua espécie de dogmas e de fé; porque são religiões, coisa que o protestantismo não é".³⁰

Como é possível a um cristão preferir crenças não-cristãs ao cristianismo reformado? E como pode um católico fiel admitir, ainda que hipoteticamente, a possibilidade de serem falsos os fundamentos de sua religião? Parece-me razoável sugerir que tal pensador católico não deveria ser muito convicto. Ele preferia o maometano infiel ao protestante cristão por acreditar que o primeiro sustentava a ordem, enquanto o segundo tinha originado a desordem no mundo moderno.

Alguns autores destacam a influência sobre de Maistre dos ideais franco-maçons, que o teriam transformado num cristão pouco ortodoxo, com "... sua paixão por detectar na Bíblia doutrinas esotéricas, sugestões e insinuações ocultas e interpretações visionárias ...".³¹ De qualquer modo, independentemente de quais tenham sido suas reais convicções no terreno religioso, em de Maistre não encontramos o teólogo católico interessado nos pormenores da doutrina e preocupado em atacar os erros cometidos contra a "verdadeira" interpretação dos dogmas cristãos. No pensador saboiano temos um homem preocupado essencialmente com a política, a quem a religião católica interessa e deve ser preservada acima de tudo por seu papel político de mantenedora da ordem.

Partindo desta compreensão sobre a centralidade do papel político da Igreja no combate à revolução, de Maistre chegou às suas formulações polêmicas sobre o papado. Na obra *Du Pape* desenvolve a proposta de conferir à instituição papal o poder de arbitrar os conflitos europeus. No quadro de uma Europa convulsionada por guerras e revoluções o Papa poderia funcionar como autoridade coesionadora superior, acima dos governos e interesses locais. Utilizando-se da autoridade conferida pelo prestígio religioso, o detentor do trono de S. Pedro teria condições de evitar os riscos de novas desordens, mediando as disputas intra e inter-estados, harmonizando os interesses das diferentes nações e dos grupos integrantes de cada nação.³²

Paradoxalmente, embora enxergasse na revolução um evento totalmente maligno, de Maistre a considerava necessária e, sob certos aspectos, útil. Encarava a história sob a ótica providencialista, quer dizer, os acontecimentos seriam conduzidos pela providência divina, que em sua infinita sabedoria levava os homens para um des-

³⁰ MAISTRE (1957), p.114.

³¹ BERLIN (1991), p.93.

³² TRINDADE (1978), pp.110-114. É interessante observar que a necessidade de uma força estabilizadora na Europa pós-napoleônica foi percebida pelos grandes Estados. No entanto, como era inviável politicamente aceitar a arbitragem papal devido às diferenças religiosas, investiram na diplomacia e em acordos como a "Santa Aliança".

tino já traçado³³. Neste sentido, a revolução também obedeceria aos desígnios ocultos da providência.

Primeiramente, e acima de tudo, a revolução significava uma punição ao pecado, um sofrimento intenso imposto por Deus para purgar o mal presente nas sociedades humanas. O pessimismo e a compreensão do homem como pecador eterno levaram de Maistre a elaborar um olhar sombrio sobre a natureza do mundo. A presença constante do mal tornaria necessária a punição divina, de modo que a terra estaria sempre a clamar por guerra, sangue e morte, até a extinção do mal.

Dentro da filosofia da história de Joseph de Maistre a revolução era somente mais um capítulo da trajetória de degradação e sofrimento dos homens desde a queda³⁴, ainda que certamente constituísse seu episódio mais terrível. Os infelizes líderes da revolução achavam estar conduzindo, enquanto na verdade eram conduzidos pelos acontecimentos e pela providência em direção a seu destino trágico:

Os próprios celerados que parecem conduzir a revolução só entram em cena como meros instrumentos; e a partir do momento que eles têm a pretensão de dominá-la, tombam de maneira ignóbil. (...)

Enfim, quanto mais se observa os personagens aparentemente mais ativos da revolução, mais se encontra neles qualquer coisa de passivo e de mecânico. Não seria demais repetir, não são os homens, de forma alguma, que dirigem a revolução, é a revolução que utiliza os homens. Diz-se muito bem quando se diz que ela se conduz sozinha. Esta frase significa que nunca a Divindade se mostrou de maneira tão clara em nenhum acontecimento humano. Se ela emprega os instrumentos mais vis, é que ela pune para regenerar.³⁵

Mesmo implicando em desgraças horríveis a revolução trazia a marca da necessidade, por seus efeitos purificadores. Passado algum tempo, acreditava de Maistre, o processo revolucionário se esgotaria e a ordem seria finalmente restaurada sobre os escombros deixados pelo cataclismo. E, acima de tudo, quando se revelassem os planos traçados pela providência, o resultado final seria o contrário do buscado pelos radicais. Ao invés de destruir o Cristianismo universal e a Monarquia, os esforços dos revolucionários redundariam na sua exaltação. As duas instituições sagradas emergiriam do caos

³³O que há de mais admirável na ordem universal das coisas é a ação dos seres livres sob a mão divina. Livremente escravos, eles agem ao mesmo tempo voluntariamente e necessariamente: eles realmente fazem o que desejam, mas sem poder contrariar os planos gerais. Cada um destes seres ocupa o centro de uma esfera de atividade, cujo diâmetro varia ao gosto do geômetra eterno, que sabe expandir, restringir, conter ou dirigir a vontade, sem alterar sua natureza". MAISTRE (1957), p.179.

³⁴"Na verdade, somos tentados a acreditar que a revolução política não passa de um objeto secundário do grande plano que se desenrola diante de nós com majestade terrível". MAISTRE (1936), p.41.

³⁵MAISTRE (1957), pp.183-184.

restauradas e fortalecidas pela provação experimentada naqueles anos turbulentos.

Sinteticamente, estes são alguns dos aspectos mais importantes do pensamento de Joseph de Maistre. Não admira que ele tenha se tornado uma das principais referências da “reação” e da “contra-revolução”, sendo apontado, juntamente com Louis de Bonald, como pilar do ideário restaurador dominante nas primeiras décadas do século XIX. De fato, sua obra trouxe inspiração para os conservadores, que se armaram dos argumentos contrários à revolução e favoráveis à ordem tradicional fornecidos por de Maistre para a luta político-ideológica contra os radicais.

No entanto, seu trabalho é mais rico e complexo do que sugerem as versões simplificadas presentes em muitos manuais. Aliás, o estereótipo já começa com o processo de criação da dupla Maistre-Bonald,³⁶ que oblitera a influência de outros autores importantes do século XIX integrantes do campo conservador. Alguns aspectos do pensamento de Joseph de Maistre o tornam mais que um simples filósofo reacionário, embora no geral ele o fosse (reacionário, não simples).

Começamos por destacar a presença, em algumas partes da obra, de lampejos de acurada perspicácia política, aliada a notável sensibilidade na observação das organizações sociais. Gostaria de chamar atenção, de início, para uma passagem especialmente interessante, onde de Maistre demonstra uma compreensão profunda da natureza da política e do comportamento político dos homens.³⁷ Ele compara o governo à religião, pois a existência de ambos dependeria da utilização de dogmas, de mistérios e de ministros.³⁸ Democrático ou não, isto não faria diferença, o Estado dependeria da fé política dos indivíduos para se manter, o que remeteria à ordem do simbólico.

Discordando das convicções racionalistas e individualistas do iluminismo, o autor empreende uma análise perspicaz sobre as posições dos seres humanos diante da política e do Estado. Não seria a afirmação da individualidade o desejo mais forte, mas o contrário, a diluição dos caracteres individuais no vasto campo da coletividade. Na realidade, entre os seres humanos a vontade de ser parte de uma ordem coletiva sobrepujava os anseios individualistas. Pode-se dizer

³⁴ Pode-se citar como exemplo DROZ, Jacques. *Europa: Restauración y Revolución (1815-1848)*. Madrid: Siglo XXI, 1974. pp.3-4.

³⁷ Eis a citação completa: “O governo é uma verdadeira religião: ele tem seus dogmas, seus mistérios, seus ministros; aniquilá-lo ou submetê-lo ao exame de cada indivíduo, é a mesma coisa; ele só vive pela razão nacional, quer dizer, pela fé política, que é um símbolo. A primeira necessidade do homem é que sua razão nascente se curve a este duplo jugo, é que ela se anule, se dissolva na razão nacional, a fim de transformar sua existência individual numa existência comum, como um rio que se precipita no Oceano e continua existindo na massa das águas, mas sem nome e sem realidade distinta”. MAISTRE (1957), p.152-153.

³⁸ E aqui ele certamente estava jogando com o duplo sentido da palavra: ministro pode ser o servidor da religião ou do Estado.

que os *insights* de Joseph de Maistre sobre a "sacralidade da política" e a "psicologia das massas" (termos cunhados posteriormente) anteciparam estudos desenvolvidos pelas ciências sociais no atual século.

De maneira geral, a postura crítica do autor frente às teorias dos *philosophes* - motivada essencialmente por convicções políticas, diga-se de passagem - levou-o a perceber suas falhas e debilidades. Com efeito, racionalismo puro, abstrações abusivas e fé ingênua na ciência e no progresso levaram a interpretações não totalmente precisas sobre as estruturas do mundo social. No que diz respeito à política, por exemplo, as visões do ser humano como um ator eminentemente racional se demonstraram insuficientes. Pesquisas recentes das ciências sociais têm revelado a importância de elementos como fé, tradição, simbologia e mitologia para uma avaliação mais adequada dos fenômenos políticos.

Neste sentido, é preciso reconhecer, as reflexões dos conservadores trouxeram uma expressiva contribuição para a análise da realidade social. Porém, se os *philosophes* cometiam exageros, de Maistre por seu turno opunha-lhes um pessimismo quanto à capacidade humana de governar seu destino e transformar o mundo igualmente exagerado. Se hoje aceitamos como parcialmente válidos alguns de seus argumentos, isto não altera o fato de que suas idéias estavam comprometidas com a defesa dogmática da tradição na luta contra as forças da modernidade.

A perspicácia do saboiano também se revelou na avaliação que empreendeu sobre o futuro da Revolução Francesa. Enquanto muitos vaticinavam a estabilidade e a irreversibilidade das mudanças revolucionárias, em particular do experimento republicano, de Maistre previu o esgotamento do impulso do "carro revolucionário", seguido do retorno à monarquia. Como vimos, ele tinha fé que a providência divina havia traçado a restauração da ordem. Mas, para o plano celestial se efetivar fazia-se necessária a ação "livremente escrava" dos homens cujas lutas, vontades e idiosincrasias lentamente iriam descortinando o caminho estabelecido pelos desígnios providenciais.

A derrocada da República se originaria de um processo natural de perda de entusiasmo na obra revolucionária. Dirigindo-se aos céticos que duvidavam das possibilidades da restauração devido à paixão republicana demonstrada pelo povo francês, de Maistre afirma: o entusiasmo e o fanatismo não são estados duráveis. A excitação em grau elevado fatiga a natureza humana, de sorte que não é razoável supor que um povo possa desejar apaixonadamente alguma coisa por muito tempo. Ao contrário, uma vez passado o acesso de febre, o abatimento, a apatia e a indiferença tomam o lugar do entusiasmo e da paixão. Além disso, muitos indivíduos que demonstravam preferir a república à monarquia, no fundo prefeririam o sossego e a tranquilidade à república, ou seja, estariam propensos a abdicar

de suas convicções políticas em troca da estabilidade³⁹.

Em linhas gerais as avaliações do autor se revelaram acuradas. Evidentemente suas previsões não poderiam antecipar com precisão o desenrolar do futuro. Por exemplo, ele não previu o advento do fenômeno napoleônico. Porém, de fato ocorreu o esgotamento do entusiasmo revolucionário, que permitiu a Napoleão destruir a república sem encontrar maior resistência de parte do povo francês.

Outro aspecto interessante do pensamento maistreano merece destaque: apesar das posturas reacionárias e dogmáticas contra a revolução ele cultivava também um lado pragmático, que implicava numa faceta de transigência e flexibilidade. De Maistre defendeu em seus textos uma contra-revolução a menos traumática possível, evitando medidas extremadas no restabelecimento da ordem anterior. No caso dos "bens nacionais", por exemplo, sugeria cautela aos futuros líderes da restauração. Devia-se evitar tentativas de retorno à configuração fundiária anterior, sob pena de causar novos conflitos e dificultar a estabilização da monarquia restaurada.

Advogou igual opinião moderada no caso das punições aos líderes da revolução. A contra-revolução deveria se abster de promover grandes expurgos e vinganças ("A anarquia precisa da vingança; a ordem a exclui de forma severa"⁴⁰), não oferecendo motivo para exaltação dos espíritos. Apenas aos implicados no regicídio deveria caber a aplicação da pena capital, limitando-se assim as execuções a poucas dezenas de pessoas.

De Maistre guardava uma relação ambígua com a "contra-revolução". Certamente ele se considerava parte do movimento contra-revolucionário, mas as reservas e críticas por ele expressadas (dirigidas especialmente aos "emigrados") sugerem que tinha uma posição particular sobre o tema, muitas vezes não partilhando das posturas do grupo. A própria expressão "contra-revolução" não era de seu inteiro agrado, pois para muitos significava uma ação revolucionária oposta, ou seja, que os partidários da antiga ordem se utilizariam dos métodos violentos utilizados pelos radicais para galgarem o poder.

Para de Maistre a contra-revolução não poderia lançar mão dos instrumentos usados pelos revolucionários. Em sua visão, tratava-se de um combate entre vício e virtude e as forças do bem ficariam conspurcadas se adotassem os meios viciosos e corruptos dos revolucionários. Para fazer a revolução fora necessário derrubar a religião, ultrajar a moral, violar a propriedade e cometer todo tipo de crimes. Tal obra diabólica fora empreendida por uma legião de homens vis, representando uma reunião de vícios jamais vista até então.

³⁹ Ressalte-se que estas idéias foram levadas a público em 1796. MAISTRE (1936), pp.125-126.

⁴⁰ MAISTRE (1936), p.161.

No momento da restauração da ordem, ao contrário, o Rei convocaria em seu auxílio a religião e todas as virtudes, notadamente a justiça e a misericórdia, restabelecendo a justiça calma e paternal típica do poder legítimo. E os homens virtuosos seriam colocados nos postos onde seu trabalho pudesse ser útil⁴¹.

É neste sentido que se situa a famosa frase de Joseph de Maistre: "... o restabelecimento da Monarquia, a chamada *contra-revolução*, não será de modo algum uma *revolução contrária*, mas o *contrário da revolução*"⁴². A restauração não precisaria do recurso à violência, ela seria uma "comoção doce"⁴³. Assim, os métodos da contra-revolução não deveriam ser confundidos com os revolucionários, e estavam errados os defensores radicais da velha ordem, dispostos a tudo fazer pela vitória do projeto restaurador.

Entre os últimos se destacavam os emigrados, normalmente grupo mais propenso às ações extremas. De Maistre criticou a exaltação desta ala contra-revolucionária, que chegou ao ponto de conspirar juntamente com as monarquias vizinhas à França pela derrota da revolução. Chamou à calma tais homens impacientes e insensatos, incapazes de perceber os riscos envolvidos em suas confabulações. Desconheciam a natureza humana ao acreditar que as potências vizinhas combateriam exclusivamente por idéias, sem interesses materiais. A restauração advinda de tal quadro seria nefasta, pois implicaria no enfraquecimento do Estado e no envilecimento da monarquia francesa. Estariam os contra-revolucionários dispostos a restabelecer a ordem ao preço do desmembramento do território francês? Saberiam eles realmente o significado da palavra "ordem"?⁴⁴

De Maistre acreditava, ao contrário, - e esta opinião certamente deve ter espantado seus aliados - que a posição correta naquele momento era torcer pelo sucesso do esforço de guerra empreendido pelos revolucionários. Ainda que os considerasse celerados e perigosos inimigos da ordem, na sua visão os revolucionários estariam encarnando temporariamente os interesses do Estado francês. Trabalhar por sua derrota militar significava comprometer a integridade da França. Nosso autor chegou mesmo a fazer votos pelo sucesso da França revolucionária em suas guerras externas, pois desta forma o país seria fortalecido e seu território provavelmente dilatado. Como suas previsões políticas e sua fé na ação da providência o levavam a ter como certa a restauração, de Maistre esperava que o engrandecimento da França conquistado pelos revolucionários acabaria por be-

⁴¹ MAISTRE (1936), pp. 133-134.

⁴² MAISTRE (1936), p. 165.

⁴³ É possível que parte da candura demonstrada por de Maistre adviesse de cálculo político. Talvez se esforçasse em pintar o quadro de uma restauração "doce" e moderada visando acalmar os receios quanto às conseqüências da volta da monarquia.

⁴⁴ MAISTRE (1936), pp.36-38.

neficiar futuramente à própria monarquia, aumentando-lhe o poder e a glória.

Efetivamente, não se pode rotular as posições de J. de Maistre acerca da revolução como as de um reacionário típico. Veja-se o caso dos jacobinos: mais do que simples pragmatismo, o olhar maistreano sobre os partidários de Robespierre às vezes adquire conotações de admiração e mesmo fascínio ("E entretanto, nesta guerra tão cruel, tão desastrosa, quantos pontos de vista interessantes! e como se passa sucessivamente da tristeza à admiração!"⁴⁵). Fascinava a de Maistre a capacidade demonstrada pelos jacobinos de mobilizar as massas populares francesas: excitadas através de imagens e discursos revolucionários elas eram levadas a combater ferozmente o inimigo externo em nome de ideais, tornando-se um exército formidável⁴⁶. Ele parece invejar esse poder e desejar que a monarquia tivesse tal força de sedução.

Também eram pouco ortodoxas algumas formulações maistreanas sobre religião. Retomando argumentação desenvolvida páginas atrás, ele parecia apreciar a Igreja mais por valorizar sua importância como sustentáculo da ordem e menos por convicção católica. Quanto à monarquia, igualmente esposava idéias pouco condizentes com a imagem de um reacionário fanático. Considerando a diversidade de povos existentes no mundo, admitia que em alguns casos fosse apropriado aceitar organizações políticas distintas da monarquia. A melhor forma de governo seria aquela que garantisse ao povo em questão a estabilidade das instituições (sempre a ordem em primeiro), e em alguns casos a democracia poderia ser adequada. No entanto, de Maistre achava que a democracia tendia a ser efêmera ("Em geral, todos os governos democráticos não são mais que meteoros passageiros, cujo brilho exclui a duração"), potencialmente despótica ("Mas de todos os monarcas, o mais duro, o mais despótico, o mais intolerável, é o monarca povo"⁴⁷) e somente em situações muito raras reuniriam-se as condições para torná-la viável. No geral, o sistema monárquico seria superior, pois se constituía na forma mais favorável à durabilidade e à manutenção da ordem.

Escrevendo sob o impacto das grandes tragédias do século XX alguns analistas da obra maistreana "remaram contra a maré" da interpretação clássica, questionando as opiniões correntes sobre as idéias do saboiano. E. Cioran e I. Berlin, por exemplo, criticaram a

⁴⁵ MAISTRE (1936), p.34.

⁴⁶ "... só o gênio infernal de Robespierre poderia ter conseguido esse prodígio [a vitória da França sobre a Coalizão] (...) Esse monstro de força, ébrio de sangue e sucesso, esse terrível fenômeno (...) foi ao mesmo tempo um horrível castigo imposto aos franceses e o único meio de salvar a França'. Ele incitou os franceses à violência, endureceu seus corações, enlouqueceu-os com o sangue dos patíbulos até que lutassem como insanos e esmagassem todos os inimigos." BERLIN (1991), pp.122-123.

⁴⁷ MAISTRE (1957), p.151

caracterização de Joseph de Maistre como sendo apenas um profeta do passado, um homem de idéias retrógradas a ser esquecido ou, quando muito, anatematizado como inspirador da restauração monárquico-católica-feudal.

Ambos tentaram estabelecer laços de afinidade entre de Maistre e as ideologias nazi-fascistas contemporâneas, negando que as idéias maistreanas tivessem perdido interesse para a atualidade. Mas o que em Cioran não passa de sugestão⁴⁸, em Berlin é uma postura afirmativa associada a análise cuidadosa. Para o filósofo radicado na Inglaterra, de Maistre pode ser considerado muito próximo das bases do ideário fascista, como deixa claro no título do estudo dedicado ao autor de *Les soirées de Saint-Petersbourg*: "Joseph de Maistre e as origens do fascismo".

Para Berlin, a filosofia maistreana se destaca do reacionarismo tradicional (inclusive do próprio de Bonald), na medida em que apresenta elementos dificilmente enquadráveis no modelo clássico embasado na defesa da monarquia e religião. Suas idéias representavam "algo ao mesmo tempo muito mais antigo e muito mais novo - algo que, de maneira concomitante, faz eco às vozes fanáticas da Inquisição e se constitui nos primeiros indícios do fascismo militante e anti-racional dos tempos modernos"⁴⁹. Berlin destaca alguns pontos que tornam de Maistre próximo aos seguidores de Hitler, entre outros: a postura crítica frente à ciência e à razão, notadamente a denúncia da potencialidade subversiva do conhecimento; a compreensão do mundo como violento por essência, bem como a defesa do caráter necessário de tal violência; a afirmação dos valores coletivos em contraposição ao liberalismo e ao individualismo, responsabilizados pela dissolução do organismo social⁵⁰.

O argumento esposado por Berlin tem fundamento. Efetivamente, há vínculos de afinidade aproximando a obra maistreana do fascismo. Acima de tudo, me parece que os fascistas aprenderam e utilizaram eficazmente os ensinamentos sobre a natureza do comportamento político dos homens - sua necessidade de representar e

⁴⁸Por volta do fim do século passado, no auge da ilusão liberal, era possível dar-se ao luxo de chamá-lo 'profeta do passado', de considerá-lo um arcaísmo ou fenômeno aberrante. Mas nós, de uma época bem mais desiludida, sabemos que ele é nosso pelo próprio fato de ter sido um 'monstro' e que é precisamente graças à faceta odiosa de suas doutrinas que ele é vivo, que ele é atual". CIORAN, E.M. "Preface" In MAISTRE, Joseph de. *Textes choisis* (org. par E.M. CIORAN). Monaco: Éditions du Rocher, 1957. p.9: "Se ele pressentiu algumas das convulsões que iriam agitar a Europa, ele não previu aquelas de que somos vítima. Mas a caducidade de suas profecias não deve nos fazer perder de vista seus méritos nem a atualidade do teórico da ordem e da autoridade, o qual, se tivesse tido a chance de ser mais conhecido, teria sido o inspirador de todas as formas de ortodoxia política, o gênio e a providência de todos os despotismos de nosso século". Op. Cit., p.51.

⁴⁹BERLIN (1991), p. 124.

⁵⁰"Sob uma forma mais simples e sem dúvida muito mais crua, mas em conteúdo precisamente como foi pregado por De Maistre, tudo isso está no cerne de todas as doutrinas totalitárias." BERLIN (1991), p. 108.

vivenciar o político através da fé, do sagrado e da paixão -, embora provavelmente tenham sido apresentados a tais idéias por autores mais modernos, como Gustave Le Bon, por exemplo.

O nazi-fascismo é, sem dúvida, herdeiro de todas as correntes intelectuais do século XIX que se colocaram em luta contra o iluminismo. Não há por que estranhar o fato de existirem pontos de contato unindo os movimentos totalitários a de Maistre. No entanto, mesmo concordando com Berlim que de Maistre pode ser considerado "... o primeiro teórico da grande e vigorosa tradição que culminou em Charles Maurras, um precursor dos fascistas, bem como dos católicos que se opuseram a Dreyfus e dos que apoiaram o regime de Vichy..."⁵¹, considero necessário destacar a existência de distinções entre as idéias do pensador saboiano e o fascismo.

Por um lado, se os fascistas tinham uma faceta reacionária, também possuíam um viés moderno: cultuavam a indústria, o progresso tecnológico e as vanguardas estéticas, por exemplo. Neste sentido, a expressão "reacionarismo moderno" parece muito adequada para designar sua doutrina.

Por outro, as elaborações de Joseph de Maistre, como não poderia deixar de ser, contêm elementos que o afastam das propostas do nazi-fascismo. Ele confiava mais na providência divina que na ação humana para a solução dos males do mundo. Quando vislumbrava a necessidade da atuação dos homens estava contando com a elite: a possibilidade de mobilizar a massa popular nem lhe passava pela cabeça. Apesar de considerar necessárias a guerra e a violência, elas não lhe aprazem: trata-se do destino trágico e infeliz provocado pela maldade dos seres humanos. Exemplo disto é o fato de ter defendido, como vimos, uma restauração que evitasse medidas repressivas extremas e limitasse ao máximo o recurso às penas capitais.

Mas ainda que se coloque nos devidos termos a afinidade entre o ideário maistreano e o fascismo, conjurando o risco de igualar anacronicamente um ao outro, permanece a constatação da presença de vínculos ligando o autor de *Du Pape* às idéias e movimentos políticos do século XX. É um argumento a reforçar a interpretação de que J. de Maistre se destaca entre os autores conservadores e reacionários do século passado, não merecendo o epíteto simplório de reacionário ultrapassado.

⁵¹ BERLIM (1991), p. 137.

Considerações Finais

Em suma, em Joseph de Maistre temos um devotado defensor da ordem e da estabilidade, um escritor que dedicou suas energias e sua pena vibrante a combater os ideais iluministas e o projeto revolucionário. Partindo de uma visão pessimista (e freqüentemente sombria) sobre o mundo e a natureza, duvidava da capacidade dos homens transformarem para melhor o meio social. Onde seus adversários enxergavam progresso ele via decadência e degeneração; onde vislumbravam reformas positivas ele apontava corrupção e desgraças. Ao futuro luminoso prometido pelos radicais ele opunha a previsão de um devir marcado pelo sofrimento e pela punição divina.

Na ótica maistreana, a única maneira de evitar o caos era rejeitar a fé revolucionária, confiando na tradição e na experiência do passado como guias para o futuro. Algumas mudanças se faziam necessárias, ele admitia, mas deveriam ser produzidas pelo lento revolver do tempo e jamais através da explosão revolucionária, acontecimento por excelência gerador de erros e crimes.

Não há dúvida, a obra de Joseph de Maistre revela uma pensador reacionário, que com freqüência se arma de posições dogmáticas no combate aos argumentos da ciência e da filosofia. Sua figura certamente não é de molde a nos inspirar simpatia. Porém, em alguns momentos seus textos nos mostram também uma mente sagaz, capaz de análises brilhantes sobre a sociedade e os homens, muitas vezes apresentando críticas perspicazes às elaborações dos philosophes.

Os toques de brilhantismo e originalidade presentes em de Maistre, mais o pragmatismo demonstrado em certas situações, tornam realmente acanhado o rótulo de "reacionário inflexível e fanático". Por isto, e devido à sua influência sobre a tradição reacionária e contra-revolucionária dos últimos dois séculos, ele merecia ser melhor conhecido e estudado.